



CIDA BENTO DIZ O QUE SE CALA: RESENHA DO LIVRO “O PACTO DA BRANQUITUDE”

CIDA, Bento. Pacto da branquitude. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148p.

Samuel Dias Ribeiro¹

Universidade de São Paulo, FFLCH, Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades/DIVERSITAS, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo: Cida Bento, no livro *O pacto da branquitude* (2022), usa sua intelectualidade para tratar de como a branquitude historicamente silencia-se sobre o passado escravagista e colonialista que garante aos do grupo benefícios e aos “outros” reserva locais de subalternidade. É uma ótima introdução ao tema, onde vemos revelado um sistema preparado, azeitado e em perene manutenção para manter a estrutura racial de conforto e privilégios econômicos dos brancos inalterada.

Palavras-chave: Branquitude; Pacto da branquitude; Relações étnico-raciais.

CIDA BENTO SAYS WHAT IS SILENT: REVIEW OF THE BOOK “O PACTO DA BRANQUITUDE”

Abstract: Cida Bento, in the book, *O pacto da branquitude* (2022), uses her intellectuality to address how whiteness is historically silent about the slavery and colonialist past that guarantees benefits to the group and to the “others” are reserved places of subalternity. It's a great introduction to the subject, where we see how a system is prepared and maintained to keep the racial structure of comfort and economic privileges of whites unchanged.

Keywords: Whiteness; Whiteness Pact; Ethnic-racial relations.

CIDA BENTO DICE LO QUE CALLA: RESEÑA DEL LIBRO “O PACTO DA BRANQUITUDE”

Resumen: Cida Bento, en el libro *O pacto da branquitude* (2022), utiliza su intelectualidad para abordar la forma en que históricamente se ramifica silenciada sobre o pasada la esclavitud y el colonialismo que garantiza los beneficios del grupo y de los “otros” y se reserva para lugares de subalternidad. Es una gran introducción al tema, en la que vemos un sistema preparado, bien engrasado y en permanente mantenimiento para

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras legitimidades do Diversitas da Universidade de São Paulo (USP); bacharel em Serviço Social (FAPSS-SP) e em Letras (UNIFESP). E-mail: sdribeiro@usp.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7101-1709>



mantener sin alteración una estructura racial de confort y privilegios económicos para los blancos.

Palabras-clave: Blancura; Pacto de blancura; Relaciones étnico-raciales.

CIDA BENTO DIT CE QUI SE TAIT: CRITIQUE DU LIVRE "O PACTO DA BRANQUITUDE"

Résumé: Cida Bento, dans le livre *O pacto da branquitude* (2022), utilise son intelligence pour aborder la façon dont la blancheur est historiquement réduite au silence sur le passé esclavagiste et colonialiste qui garantit des bénéfices au groupe et aux "autres" sont des lieux réservés de subalternité. C'est une excellente introduction au sujet, dans laquelle on voit un système préparé, bien huilé et en entretien permanent pour maintenir une structure raciale de confort et de privilèges économiques pour les blancs sans altération.

Mots clés: Blancheur; Pacte de Blancheur; Relations ethnico-raciale

Sueli Carneiro (2005) dirige-se ao "eu hegemônico" – a branquitude – e lança a braba conclamando-o a uma conversa entre iguais numa espécie de ultimato para a construção conjunta de uma sociedade sem opressão racial ou quaisquer outros tipos de opressão. Ela implica o branco nas discussões sobre relações raciais, tenta trazer a branquitude para a roda, ou para o tribunal, já que “houve um crime de proporções e consequências radicais” (CARNEIRO, 2005, p. 23), perpetrado ao longo de séculos sem que os executores e mandantes fossem sequer nomeados, mesmo todos sabendo quem são o silêncio perdurou² - um crime perfeito!

Essa estratégia é identificada e nomeada por Cida Bento³ em 2002, quando, em sua tese de doutoramento, elabora o conceito de pactos narcísicos da branquitude. O empreendimento de Cida Bento em estudar o branco, suas características psicológicas e a realidade concreta advinda de um complexo sistema de exploração das desigualdades socio-raciais é uma virada importante, pois o negro sai da condição (imposta) de objeto para se tornar o cientista, observando o branco. O feito não é pouco!

² Esse silenciamento é o que venho chamando de estratégia do "branco sai, preto fica", em que os negros e indígenas são deixados discutindo e pensando sozinhos no problema que os brancos criaram para sugarem os benefícios de uma exploração contínua e cruel do trabalho físico e intelectual de pessoas negras e indígenas no Brasil.

³ Maria Aparecida da Silva Bento é uma mulher negra, mãe e que, dentre outras, é fundadora e conselheira do CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades); Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, autora da primeira tese brasileira sobre a branquitude o que há torna referência incontornável dos estudos críticos da branquitude no Brasil.



Intitulado *O pacto da branquitude*, livro ora resenhado, foi publicado em 2022 pela Companhia das Letras. Nele, a autora retoma de maneira resumida os apontamentos de sua tese. Mas não se trata só de um condensar dos seus estudos, o que já seria excelente para fazer suas ideias circularem. Bento acresce observações que não apareceram na tese.

Cida Bento inicia o livro relatando uma experiência com seu filho que hostilizado por um colega branco que o associava a escravizados. É a mãe Cida Bento que vai realizar um exercício: juntos listam os feitos tanto dos escravizados quanto dos escravagistas e concluem que os últimos contabilizam violências brutais e expropriações inúmeras dos trabalhos de pessoas negras que foram trazidas para o Brasil de forma forçada e aviltante, portanto, não haveria motivos para vergonha de ser descendente de escravizados; o outro lado é que deveria se envergonhar e começar a lutar por igualdade.

Mas o livro vai demonstrar que a vergonha não é um dos sentimentos mais comuns da branquitude, visto que ela se constrói e se mantém firme exatamente por colocar a vergonha no outro, silenciando-se sobre as benesses que conseguiu através da desqualificação emocional, física, espiritual e intelectual das pessoas não brancas. A branquitude não reconhece o protagonismo de sua raça num dos eventos mais vergonhosos da humanidade.

É a partir desse vivido-escrito que a autora avança para a questão fundamental do livro: demonstrar como este passado deixado *em branco* está presente até hoje na realidade concreta de negros e brancos nas relações de trabalho, especificamente na área de recursos humanos. A narrativa mestra de que brancos são perfeitos, bons, lindos, inteligentes e capazes pelo simples fato de serem brancos, segundo os estudos de Bento, impactam diretamente no processo de contratação e ou promoção dentro das empresas.

Nas palavras de Lourenço Cardoso (2014, p. 90), a branquitude exercendo o poder que a brancura lhe outorga, “não abrem mão de nenhum espaço, não faz concessão de nenhuma parte do que considera seu espaço, aquele de maior poder, prestígio e valor simbólico e econômico”. Este é um primeiro ponto do livro. Nele, é possível informar-se de como parece haver no mundo do trabalho e nos setores de maior privilégio social, como universidades e cargos públicos, “uma cota não explicitada de 100% para brancos” (Bento, 2022, p. 10).

Gosto do uso do termo cota, já que dialoga e inverte o discurso de que as políticas de ações afirmativas, dentre elas as cotas, são um perigo para a democracia brasileira, posto que abririam precedentes para diferenciações raciais perigosas e que a meritocracia



deve ser o emblema da sociedade brasileira, como propaga a branquitude. Ledo engano. E Bento diz bem, a branquitude sempre viveu de cotas, só não assume. O silêncio... para o silêncio.

Bento identifica este silêncio da branquitude, mesmo daquelas pessoas mais progressistas, e elabora o conceito de pactos narcísicos da branquitude, que vem a ser um acordo de camaradas (vamos dar a letra certa aqui) – ainda que não firmado em reuniões secretas e explicitado – em manter silêncio sobre os privilégios da branquitude, sobre esse passado escravocrata que garante até hoje para as gerações brancas os lugares de poder simbólicos e concretos. O pacto tem a ver com um instinto de autopreservação que “expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo” (Bento, 2022, p. 25). O branco é narcísico, olha para si e encanta-se, destarte tem medo do diferente, já que parte do princípio de que ele é o padrão a ser alcançado e, ao mesmo tempo, inalcançável, visto que seria perfeito.

Vemos que o silêncio sustentado pela branquitude pode ganhar outros signos, exatamente para manter a aparência de que tudo ocorre como deve ocorrer: temos aí a democracia, a meritocracia, a cordialidade, o ideal de embranquecimento, o neoliberalismo e o conceito de “ignorância branca”; mas as estruturas sociais gritam o que se tenta calar: de cima à baixo, há estrutura e colunas racistas que sustentam a posição privilegiada de pessoas brancas em quaisquer segmentos da sociedade. Tudo isso é dito por Bento de forma explícita, revelando como todo um sistema é preparado, azeitado e sofre constante manutenção no afã de que pouco ou nada nessa estrutura hierarquizada sofra alteração, assegurando aos brancos e seus descendentes os lugares de destaque e conforto.

Para Cida Bento, esta herança se inscreve na subjetividade coletiva, mas o fator psicológico, tão bem abordado por ela em sua tese, não é retomado com tanta importância no livro, que aparece com um tom mais concreto, há mais luz sobre as questões de ordem de classe, de benefícios econômicos do que um viés da psicologia social; assim a crítica da autora ganha ainda mais estofamento, pois que amplia o entendimento sobre a branquitude.

A branquitude é um lugar de poder, é um fenômeno cuja narrativa se consolida no período de expansão colonial europeu. Este construto vai garantir ao longo das gerações que os brancos gozem de benefícios inúmeros por possuírem a “senha” da branquitude, usufruindo do que ela entende como capitalismo racial, ou seja, “uma sociedade que se

alimenta do lucro e do preconceito racial vendido como liberalismo meritocrático” (Bento, 2022, p. 40).

A autora trabalha na perspectiva interseccional, entendendo que a branquitude carrega em si componentes de sexismo, xenofobia e autoritarismo exercido pelo monitoramento das populações, até na decisão de quem vive e de quem morre (biopoder/biopolítica), que, aliado ao racismo antinegro, permite a naturalização do genocídio da população negra no Brasil.

Bento termina com a esperança de que falar sobre o tema desperte todas e todos para a verdade de que não temos um “problema do negro”, mas um problema da relação entre brancos e negros, que precisam juntos combater e destruir as estruturas racistas, o que passa pelo reconhecimento do problema, pelo desfazimento de sistemas organizacionais hierarquizados e um comprometimento ético na defesa da causa.

Elza Soares, ao cantar a canção de Douglas Germano “O que se cala”, usou sua voz para dizer o que se tenta calar em se tratando de racismo, violência contra a mulher e outros temas. Cida Bento, em seu estudo, junta-se e amplia as vozes que desmentem o imaginário da existência de uma democracia racial no Brasil, posto que vasta literatura já foi produzida de forma a deixar nítida a diferença de tratamento sociocultural e econômico reservada a pessoas não brancas e do conjunto de dispositivos que ela utiliza para sustentar o racismo estrutural. Por tudo isso, indicamos a leitura do livro.

A branquitude não pode mais dizer que não sabe!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 27 ago. 22

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e a branquitude. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 88-106, jun. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/152>>. Acesso em: 20 out. 2022.

CIDA, Bento. O Pacto da branquitude. 1 ed. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2022.

GERMANO, Douglas. O que se cala. In: SOARES, Elza. Deus é Mulher. 2018.

Recebido em: 29/06/2022

Aprovado em: 18/10/2022